

A IMPORTÂNCIA DO CRÉDITO NA ECONOMIA

Erika Alcino Costa ¹, Friedhilde Maria Kustner Manolescu ²

¹ -Ciências Sociais Aplicadas – Universidade do Vale do Paraíba – Av. Shishima Hifumi, 2911 – Urbanova – CEP: 12.244-000 – São José dos Campos – SP – Brasil - erika_alcino@yahoo.com.br

² - Instituto de Pesquisa & Desenvolvimento – Universidade do vale do Paraíba – Av. Shishima Hifumi, 2911 – Urbanova – CEP: 12.244-000 – São José dos Campos – SP – Brasil – frida@univap.br

Palavras-chave: crescimento econômico, taxa de juros, crédito.

Área do Conhecimento: VI – Ciências Sociais Aplicadas

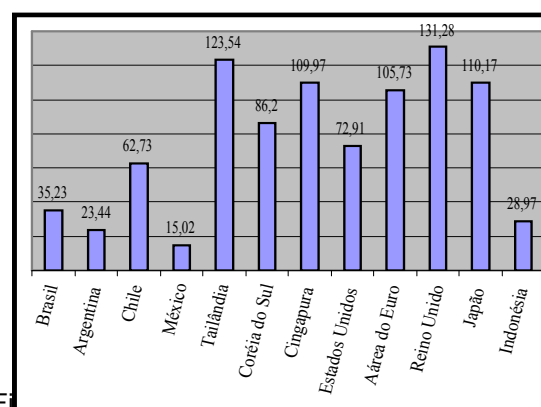
Resumo - O presente trabalho tem como objetivo analisar a importância do crédito e suas modalidades junto ao setor público e privado. Mostrar o desempenho do crédito brasileiro em comparação aos outros países, pois o crédito é de extrema importância para o crescimento econômico de um país.

Introdução

O crédito tem importante papel no processo de acumulação de capital, isto é, transformador financeiro de diversas modalidades, prazos e níveis de risco, sendo essencial no funcionamento dos setores produtivos e também às famílias, portanto os dados financeiros funcionam como um indicador da trajetória futura de crescimento do PIB, influenciando diretamente o nível de poupança das economias. O Brasil é um país capitalista sem capital, se o nosso sistema econômico é baseado na propriedade privada dos meios de produção, usado com fins lucrativos, então é essencial que o sistema financeiro passe a conceder mais créditos, ou seja, é preciso que o crédito seja mais seriamente entendido como um verdadeiro indutor do desenvolvimento. Não estamos dizendo que o setor financeiro (crédito) será aquele que irá liderar o crescimento, mas é um sistema desenvolvido que estimula o crescimento econômico convertendo e disponibilizando recursos.

Comparação dos empréstimos em relação aos outros países

O Brasil possui um reduzido volume de crédito como fração da renda nacional, em comparação a países desenvolvidos, pois durante o período de 1998 à 2001, o gráfico abaixo nos mostra que o volume de crédito no Brasil representa em média apenas 35,23% do PIB enquanto no Reino Unido 131,28%, o número brasileiro também deixa a desejar se confrontado a uma série de nações menos desenvolvidas, como a Coreia do Sul onde a correlação é de 83,20% do PIB.



Fonte: International Financial Statistics, Fev-03, FMI

Fonte: International Financial Statistics, Fev-03, FMI

O reduzido volume de crédito, que tem como contrapartida uma elevada cunha de intermediação (spreads), causa impactos negativos sobre o bem-estar das famílias, seja diretamente, por tornar mais custoso o acesso ao crédito pessoal para a compra de bens duráveis ou imóveis, ou indiretamente, pelo seu impacto sobre o custo do investimento privado, o crescimento econômico e a geração de empregos. O financiamento ao setor produtivo no Brasil tem características nada próximas do que seria necessário para ele exercer essa função na economia. Os bancos emprestam a juros reais extremamente altos, os prazos são curtos e o volume oferecido é insuficiente, sendo que os bancos privados brasileiros respondem por mais de 60% da oferta de crédito do sistema financeiro.

A taxa de juros elevada

O alto juro real praticado pelos bancos inviabiliza a tomada de crédito por qualquer empresa saudável que vise o crescimento, pelo simples fato de que ela não terá como rentabilizar seu capital na mesma proporção da taxa paga.

“Tomar empréstimo em banco hoje significa para a empresa entrar num processo de descapitalização”, o problema é que faltam alternativas para as empresas. O crédito de longo prazo aos empreendedores brasileiros está hoje restrito basicamente a um banco oficial. Ao se comparar o ato de tomar dinheiro emprestado, o que vem a mente é o de que lá de fora os juros bancários são muito mais baixos que aqui.

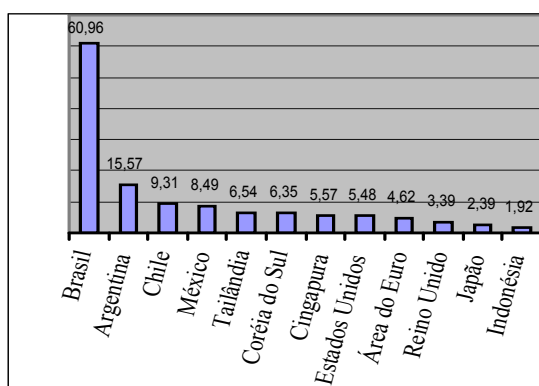


Figura 2 – Taxa real de juro (média anual no de 1998 – 2001 em %)

Fonte: International Financial Statistics, Fev-03, FMI

As taxas de juros praticadas nas operações de crédito no Brasil entre o período de 1998 à 2001 apresentam uma média no Brasil 60,96% ao ano, contra 8,49% no México, 5,48% nos Estados Unidos e 2,39% no Japão.

Vale lembrar que os juros no Brasil são altos em grande parte devido ao histórico de moratórias e confiscos, que reduziram em muito a credibilidade, da economia brasileira no cenário internacional.

Este é um fator que em si não foi gerado pelos bancos, mas sobre o qual podem exercer importante influência: um sistema financeiro que opera de maneira transparente transmite confiabilidade, e, portanto, reformas institucionais que visem este objetivo aumentarão a intensidade com que o sistema financeiro influenciará o crescimento econômico.

Mas se os juros altos continuam garantindo uma situação agradável e franca para os bancos, que se beneficiam de um lucro fácil, também é verdade que a vontade insaciável do governo por impostos, tem sua parcela de culpa na formação do altíssimo “spread” bancário no Brasil.

Juros elevados inviabilizam busca de crédito, maior parte dos setores da economia real não consegue retorno que compense as taxas cobradas.

Volume de Crédito

O volume total de crédito passou de R\$ 99.168 milhões no ano de 1995 para R\$ 127.218 milhões em 2003.

Sendo o maior crescimento foram as linhas de crédito voltadas para financiamento do setor privado, o volume anual de empréstimos as empresas privadas, correspondiam em média de R\$ 71.382 milhões no ano de 1995, ou seja, 71,98% dos empréstimos do sistema financeiro do Brasil, e no setor público foi em média R\$ 27.785 milhões, apenas 28% dos empréstimos realizados.

Em comparação ao ano de 2003, o crédito concedido ao setor privado atingiu R\$ 116.381 milhões, registrando uma expansão, enquanto no sistema financeiro publico, o saldo alcançou R\$ 10.837 milhões com queda no mesmo período.

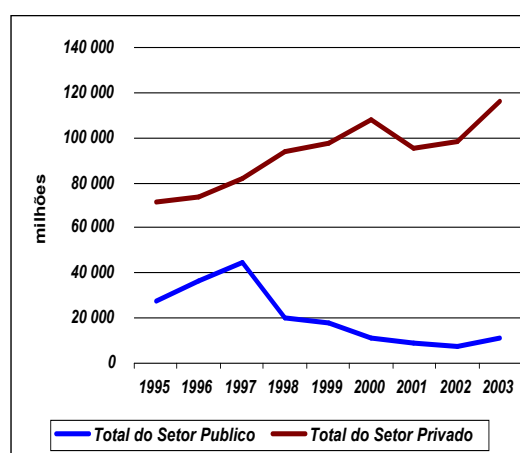


Figura 3 – Empréstimos Setor Financeiro (média anual – 1995 a 2003)

Fonte: Banco Central

A obstrução do crédito acontece tanto do lado da oferta quanto da demanda. Pelo lado da demanda, as empresas e pessoas fogem dos compromissos financeiros, principalmente no investimento, com medo dos riscos embutidos.

Os bancos põem também a sua frente à insegurança e deixam de emprestar, ou seja, encarecem o crédito embutindo juros as perdas potenciais.

Crédito no Setor Público

No setor público, é denominada regra para o controle de endividamento e da assunção de despesas públicas, o volume de crédito destinado para governos estaduais e municipais situou-se em R\$ 21.573 milhões de reais no ano de 1995 e no governo federal R\$ 6.213 milhões no mesmo período.

Em 1997 a correlação saltou para 91,7% nos governos estaduais e Municipais em consequência uma queda de 83,8% no governo federal no mesmo período.

Após este período o crédito vem diminuindo cada vez mais no setor público. Já em 2003 os governos estaduais e municipais atingiam a R\$ 7.899 milhões de empréstimos, isto é, um declínio de 173% já no governo federal a queda foi de R\$ 2.937 milhões, ou seja, 111,5% a menos em relação ao período de 1995.

Constatamos que este comportamento determinado pela redução no volume de crédito no setor público, demonstrar maior controle das finanças públicas.

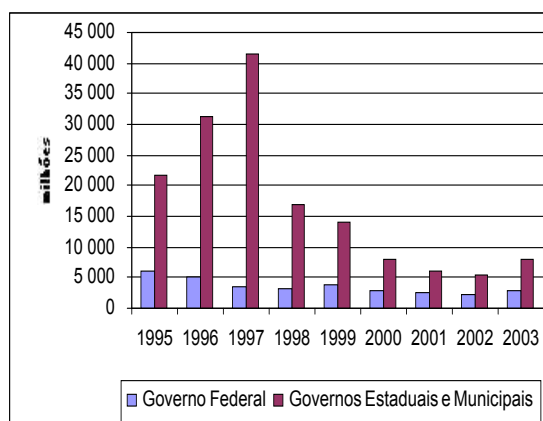


Figura 4 - Empréstimos no Setor Público – (média anual de 1995 a 2003)

Fonte: Banco do Brasil

Crédito no Setor Privado

Em termos setoriais, o volume de crédito aumentou proporcionalmente em quase todos os setores, durante o período de 1995 a 2003.

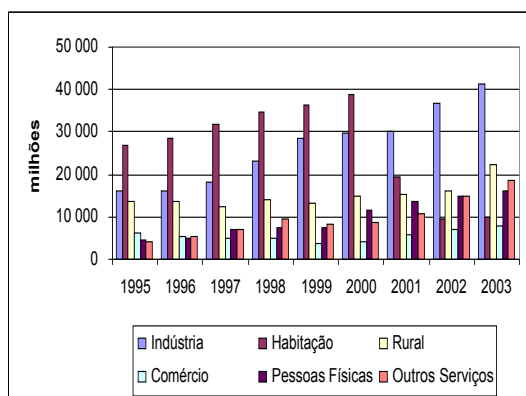


Figura 5 - Empréstimos no Setor Privado – (média anual de 1995 a 2003)

Fonte: Banco Central

Conforme gráfico acima, destacamos o setor industrial, que no período ente 1995 a 2003 sempre manteve em crescimento, podemos observar que em 1995 ele representava 22,7% no total do setor privado, passando para 24,6% em 1998 e em 2003 representava 35,7%, isto é, valor

para investimento aumentou de R\$ 16.234 milhões para R\$ 41.522 milhões. Destacamos também o setor de habitação, que no ano de 1995 até 2000, obteve crescimento de 43,2% e após este período até 2003 uma inclinação drástica para habitação de 283,22%.

O setor que menos se desenvolveu foi setor de comércio que os créditos cedidos foram de R\$ 5.997 milhões em 1995, com queda de 56% em 1999 e um crescimento em seguida até 2003 chegando a um investimento de R\$ 7.747 milhões.

Conclusão

De acordo com levantamento considerado o volume total de crédito disponível no país em relação ao seu PIB, o Brasil é um dos países onde menos se empresta dinheiro. Dentro deste período analisado, o Brasil sofreu sucessivas crises e elevada taxas de juros que proporcionou um maior recuo no crédito, isto é, além dos recursos que é captada pelo governo, e a alta taxa de juros real, consideramos a oferta de crédito escassa, mas ainda há um grande potencial de crescimento, à medida que o sistema financeiro se desenvolva, as taxas de juros praticadas convertam para níveis mais baixo.

Bibliografia

Revista Valor Financeiro, Ano 2 nº 2, junho de 2003, O papel do Crédito como indutor do desenvolvimento.

<http://www.bcb.gov.br>

<http://www.febraban.gov.br>

<http://www.consciencia.net>